



**DIA DO BIBLIOTECÁRIO
TRAJETÓRIA DA BIBLIOTECA DO INPE**

Data: 29/03/2005
Auditório Sérgio Sobral de Oliveira

>>> Saiba mais...

**Relatório geral do Dia do Bibliotecário e Trajetória da Biblioteca do
INPE, realizado no dia 29 de março de 2005.**

Auditório Sérgio Sobral de Oliveira

Música ambiente, painel alusivo à data feito com capricho, mesa formada por convidados que tinham muito a dizer, espectadores com sede de saber como tudo aconteceu.



O encontro teve início às 14 horas e 20 minutos. Dr^a Maria Virginia Alves, mestre de cerimônia, começou falando do motivo de estarmos ali - os 40 anos de existência da Biblioteca do INPE e o Dia do Bibliotecário, instituído em 9 de abril de 1980 e comemorado em 12 de março, em homenagem ao bibliotecário, escritor e poeta Manuel Bastos Tigre, nascido nesse dia e mês, no ano de 1882.



Da esquerda para a direita, última fileira: Avanildes F. Castro (funcionária da Biblioteca na década de 70), Maria do Carmo Soares (LIT), Lúcia M. S. Moreira (segunda bibliotecária do INPE). Fileira do meio: Dailton G. Guedes, Décio Ceballos (DIR). Primeira fileira: Dr. Antonio Miranda (palestrante - UnB), Marciana L. Ribeiro (Chefe da Biblioteca). De pé: Dr^a. M. Virginia Alves (mestre de cerimônia - LAC).

O auditório Sérgio Sobral de Oliveira estava muito bem povoado. Atual equipe e equipes de toda a história da Biblioteca reunidas em grupos, duplas de amigos em poses e afagos e conversando pelos cantos, risos de lembranças, sonhos acalentados.

Mesclados na platéia, viam-se pesquisadores, pessoas da área de gestão, da direção do Instituto, bibliotecários de outras instituições como Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), Prefeitura Municipal de São José dos Campos, Petrobrás, UNESP e Bibliotecas Setoriais de Cachoeira Paulista; aproximadamente 60 pessoas.



Da esquerda para a direita, na última fileira: Sonia Spilak (ex-chefe da Biblioteca), Aída Rodrigues (ex-funcionária), Sérgio Aparecido (SID), Petrônio N. Souza (DMC), Lise Banon (OBT), Fábio F. Santos (SDO), Ivete Melare (ex-bibliotecária na década de 70). Fileira do meio: J. Divino de Souza, Marie H. Magalhães, M. Tereza Prado, Celina Govedice, Auta Barreto, Mostafa Nosseir (ex-funcionários da Biblioteca e do INPE), Dailton Guedes, Décio Ceballos. Última fileira: Nélia F. Leite (CRI), Dr. Antonio Miranda (UnB), Marciana L. Ribeiro, M. Virginia Alves. Mesa: Marcos Dias da Silva (CEP), Dr. Gerald Banon (DPI e presidente do Conselho de Editoração). De Pé: Dr. Clóvis S. Pereira (palestrante - Chefe do LIT e ex-coordenador da Biblioteca).



Da direita para a esquerda: Aída Rodrigues, Eliana Damico (bibliotecária do ITA), Luciene Pereira, Mauro A. Cruz (ex-funcionários da Biblioteca) e Marilúcia Cid (SID). De pé: Eli M. Silva (ex-funcionário da Biblioteca), M. Aparecida Marcos (bibliotecária da Biblioteca setorial do LCP).



Da esquerda para a direita, na primeira fileira: Dr. Gerald Banon. Na segunda fileira: Eli M. Silva, Luciene Pereira, Mauro A. Cruz, M. Aparecida Borges (Cidinha - SAS), Edenilse F. E. Orlandi (DSS), Dr. Getúlio Texeira (OBT), Dr. Clóvis Solano, José L. Aguirre (SID), Dr. Daniel Nordemann (ex-presidente do Conselho de Editoração). Na terceira fileira: M. Carmo Nogueira (SID), M. Aparecida Marcos (LCP), Marilúcia Cid, M. Tereza Brito, M. de Lourdes Lemos, Jefferson A. Ancelmo (SID).



Dr^a Virginia

Dando início às atividades desta tarde, eu gostaria de convidar o Dr. Marcos Dias da Silva, coordenador de Ensino, Documentação e Programas Especiais, para dar as boas vindas a todos os presentes. (Roteiro da Cerimônia).

Dr. Marcos

Eu quero dar as boas vindas a vocês, em nome do diretor, Dr. Luiz Carlos Moura Miranda, agradecer e parabenizar os bibliotecários pelo seu trabalho - a equipe atual da Biblioteca e os que já estiveram aqui. Agradeço ao Dr. Miranda (palestrante convidado da UnB), à Icléa de Siqueira Vidal, parabenizo o Dr. Clóvis. Sejam todos muito bem vindos!

Em seguida, Dr^a Virginia convida os que comporão a mesa: Dr. Marcos Dias Coordenador de Ensino, Documentação e Programas Especiais, Icléa de Siqueira Vidal, primeira bibliotecária do INPE, Dr. Clóvis Solano Pereira, chefe do Laboratório de Integração e Testes e Dr. Gerald Jean Francis Banon, pesquisador da Divisão de Processamento de Imagens e presidente do Conselho de Editoração.



Dr^a Virginia

Esses quatro convidados nos conduzirão através da história da Biblioteca do INPE: o início, o processo de automação da informação, o funcionamento nos dias de hoje e o futuro, com a biblioteca virtual.

Para dar início



Dr. Clóvis Solano Pereira contou detalhes de sua chegada ao INPE pela porta da Biblioteca. E de como isso fez a maior diferença em sua vida profissional e pessoal.

Nós viemos de uma turma relativamente grande da USP para cá – no último ano de nosso curso, em 1967 - e o ponto central foi a visita à Biblioteca; conhecer qual era o acervo, qual era o material de pesquisa que nós iríamos tratar se para cá viéssemos no final do ano.

E, certamente, era um fator muito atrativo para quem queria vir pro INPE. E me lembro de dados como a direção da Biblioteca, eu nunca me esqueço, tinha dois pesquisadores que entraram no ano anterior: um, o Humberto Sobral, que eu não vejo aqui, mas ainda está no INPE e o outro, o Vieira Dias, que já é aposentado e está na UNIVAP. Os dois estavam sentados na Biblioteca e tinha um engraxate na época que engraxava os sapatos porque aparência realmente era fundamental.

Eu me lembro daquela cena e me lembro da Biblioteca e já a Icléa, que vai falar daqui a pouco, a bibliotecária na época. Então esse início nosso aqui teve muito a ver com a Biblioteca. Depois nós tínhamos um regime de trabalho de pós-graduação onde nós estudávamos de manhã, fazíamos curso, e à tarde nós éramos proibidos de estudar; nós tínhamos que trabalhar no projeto e o projeto, o local de trabalho era a Biblioteca. Então era o nosso ponto de encontro, o ponto de convergência, e que fez de nós uma equipe muito unida. E realmente são cenas na Biblioteca que a gente não consegue esquecer.

E o nosso envolvimento e comprometimento com a instituição têm muito a ver com aquela época, acho que a Icléa concorda comigo. E assim eram formados a maioria dos pesquisadores na época [...] de engenheiros eletrônicos. Nós conhecíamos instrumentação e tal e viemos para trabalhar em eletrônica e, de repente, nós vínhamos na Biblioteca [...] e eu peguei até o nome das caixinhas, nos projetos; difícil reconhecer cada um deles mas eu

peguei como referência aqui [...] a **Exametnet**, por exemplo, que era Meteorologia e Foguetes Sondáveis; então a parte de aplicações começava ali naqueles papers, naqueles artigos que estavam naquelas caixinhas. Depois tinha o Projeto Poeira que era partícula microscópica de origem extraterrestre; Astro que era a parte de raios x, absorção ionosférica. E logo no primeiro dia teve reunião no auditório onde o então diretor, Dr. Mendonça, dava uma pasta para gente: “você vai trabalhar com o riômetro.” Eu falei: “riômetro?” Ele falou: “Sim, é!” Eu falei: “eu nunca ouvi falar nesse instrumento.” Mas era parte do processo.

Então, era onde nós íamos, nas caixinhas da Biblioteca ler os artigos, e tínhamos um apoio muito forte da NASA que era o grande fornecedor de material bibliográfico na época para o INPE.

Enfim, eu acho que todo o envolvimento, o carinho que a gente tem pela instituição eu acho que nasceu ali na Biblioteca. E, o nosso relacionamento, eu vejo a Icléa que já não está [...] já deixou o INPE há muito tempo, mas a nossa amizade perdura até hoje, amizade pessoal inclusive. Agora, por que que eu acho que fui escolhido aqui para ser um dos usuários para falar, Marciana, é preciso dizer? [...] (risos) [...] mas teve uma época muito importante na minha vida profissional: é que entre 75 e 82, eu era responsável por um departamento chamado departamento de apoio técnico e esse departamento de apoio técnico era composto de 3 divisões: uma divisão de banco de dados que era basicamente a Biblioteca, uma divisão de processamento de dados que era o computador central e a divisão de laboratórios que era basicamente, na época, o prédio Beta que era o departamento de mecânica e circuito impresso. Então foi uma época onde eu interagi muito com os profissionais da Biblioteca, com as bibliotecárias e confesso que foi uma época extremamente profícua na minha vida profissional. Aprendi muito com as bibliotecárias com uma garra, com uma determinação, comprometimento com a instituição; nós tínhamos metas arrojadas, quer dizer, na época pensar em aquisição de 1.000 livros por ano, assinatura de mais de 200 títulos de periódicos então já eram metas ambiciosas pro orçamento do INPE e isso pôde ser conquistado por causa do trabalho daquela equipe que hoje, ao ver algumas aqui, eu fico até um pouco emocionado. Mas é uma época que eu não posso esquecer. Desculpe aqui se eu estou, Maria do Carmo, - quem me ajudou a compor aqui – [...] eu não li nada mas fica a idéia de que realmente [...] e eu completaria dizendo que não há, eu não conheço um profissional em exercício na instituição e aí eu me refiro aos servidores, a bolsistas, estagiários, a terceirizados, não há um profissional que não tenha um carinho e que não considere a Biblioteca o nosso ponto de convergência. Então esse é um momento muito especial, eu gostaria de dar um abraço muito grande às bibliotecárias pelo seu dia e, mais uma vez, Marciana, que essa iniciativa sirva de exemplo para outras unidades no INPE; resgatar a história, eu acho que é muito importante. Obrigado a todos. (Íntegra do discurso)

Dr^a Virginia

Teremos agora a oportunidade de ouvir a Sr^a Icléa de Siqueira Vidal, 1^a bibliotecária do INPE.



Icléa, com ternura e poesia, falou da delícia que foi o começo; das dificuldades sim mas também do empenho de todos para tornar o ambiente da Biblioteca o melhor possível.

Faz apenas 39 anos. Época dos festivais, época em que ouvíamos Chico e Nara cantarem A Banda, do esplendor do TUCA e da PUC, do Vianinha, da morte de Tchê, do vídeo-tape; e presidia o Brasil o Mal. Castello Branco.

O COGNAE era dirigido pelo Professor Abraão de Moraes, um cérebro e um coração ... simples e carinhoso e que virou avenida em São Paulo. O Dr. Mendonça dirigia a parte científica e o Sr. Sérgio Sobral, a parte administrativa.

Eu me formei em 20 de dezembro de 1965 e, com o diploma fresquinho, vim com sonhos de ensinar os brasileiros a lerem e a devolverem os livros; e esse tipo de serviço não era muito reconhecido na época, exceto no INPE.

A Biblioteca era linda, delicada, quase feminina. Com um jardim de inverno [...] os pinheirinhos estavam sendo plantados e a CNAE começava a crescer.

Tinha o Clóvis e o Pawell, da POLI. Tinha os cariocas Padilha e Tavares. E o Dr. Rao, o Dr. Tissi e os almirantes do SERE.

E tinha também o Projeto SACI.

Chegaram as primeiras pesquisadoras físicas: Marlene Elias e Ana; e eu relembro tudo com muito carinho.

Propus ao Dr. Mendonça fazermos um índice dos nossos folhetos (material de caixa), semelhante ao da NASA.

E o Iberê tomou para si essa tarefa de trabalhar os folhetos, trabalho esse pioneiro no Brasil e que atraiu muitos visitantes.

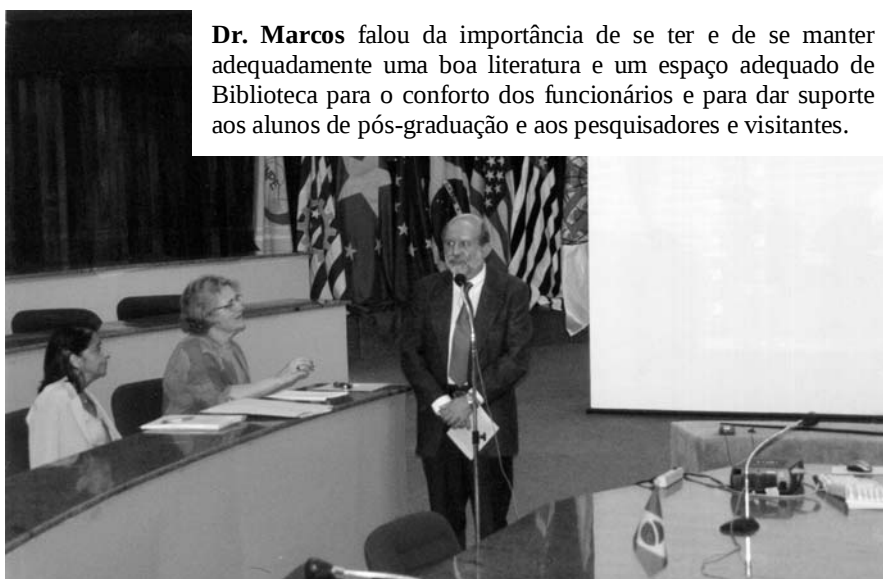
A sala do computador era uma sala imensa. Imaginem que existia um prédio e uma sala só para comportarem um computador; e hoje levamos o computador na mão.

A Biblioteca era um local de amizade, um ponto mesmo de encontro onde todo mundo se reunia para bater papo, para rir, para desabafar, para falar das aflições, das alegrias; éramos um grupo de jovens, muito amigos e especiais. Mas aquela bibliotecária que veio sonhando assim ensinar o pessoal [...] você saía da faculdade com esse ideal ... mas quando eu cheguei aqui, os leitores daqui eram leitores mesmo, não é? Exigentes que debruçavam nos livros e se trancavam nas salinhas e ficavam ali compondo a pesquisa. E quando muito davam uma escapadinha na hora do café mas era um pessoal danadinho. Havia provas de aeronomia. E muitas vezes eles traziam a prova de aeronomia para ver se eu sabia responder. E, curiosamente, alguma coisa sempre saía porque na tarefa do bibliotecário para classificar, você acaba entendendo; se não entende bem, pelo menos sabe o nome dos bois. Então alguma coisa eu sempre respondia das provas de aeronomia. A classificação dos livros, a compra das revistas [...] o empréstimo dos livros da Biblioteca do ITA que dizem que até hoje ainda é feito, não é? A lista de compras. Naquela época tínhamos dinheiro e precisávamos fazer listas e mais listas de livros. Vocês acreditam que eu ainda tenho na minha cabeça o 533.9 da CDU, Física do Plasma? É uma coisa assim incrível.

Pois é ... é assim a vida ... as histórias são vividas, passam, ficam na memória e no coração. Basta ter um interesse sério, um gesto generoso como o da Marciana e a sua equipe para fazer florescer um campo infindável de recordações, de antigos sonhos, de risadas e reflexões. A você, Marciana, pela batuta competente regendo esse conjunto atual e histórico, o nosso agradecimento. Você nos proporcionou um momento feliz. Obrigada, fadinha.

Dr^a Virginia

Falará agora o Dr. Marcos Dias da Silva.



Dr. Marcos falou da importância de se ter e de se manter adequadamente uma boa literatura e um espaço adequado de Biblioteca para o conforto dos funcionários e para dar suporte aos alunos de pós-graduação e aos pesquisadores e visitantes.

Eu não tive oportunidade de ter esse primeiro contato como o Clóvis porém, nesse ano e meio como coordenador da CEP, deu para sentir, ver como a equipe da Biblioteca trata toda a produção do INPE e também a de fora.

O INPE, em termos de projetos voltados para as áreas do espaço, é o centro mais importante no Brasil na documentação e formação de pessoal. E é importante sempre ter em mente a reflexão sobre a necessidade da informação.

A nossa pós-graduação beira mais ou menos 500 estudantes que desenvolvem trabalhos sobre planejamento urbano, rural, de safras; com a atual tecnologia, consegue-se ter imagens com até 1 m de resolução. E esse pessoal necessita de literatura. As novas profissões carecem de informação e o INPE é o grande guardião dessa informação na área espacial.

Com o crescimento do número de alunos, faz-se necessário mais espaço físico para estudo.

A Direção do Instituto está bem sensível às necessidades da Biblioteca, também em termos de modernizar os espaços para os usuários.

Para o futuro teremos que ampliar e modernizar a Biblioteca, conseguir mais assinaturas de periódicos. A Maria Tereza fez um belo trabalho juntamente com os Coordenadores e a comissão de usuários para priorizar a compra de publicações, mantendo-as com a sua periodicidade.

E a Direção tem por meta em 2005 colocar em dia as assinaturas dos periódicos, materializar os ganhos e o seu apoio à Biblioteca.

Eu também gostaria aqui de ressaltar a importância do envio dos trabalhos científicos, dos seus escritos à Biblioteca e nesse ponto os pesquisadores aqui do INPE têm colaborado bastante. Então eu queria aproveitar para agradecer os coordenadores, os chefes e todos os pesquisadores que assim o fazem.

E um abraço a todos vocês.

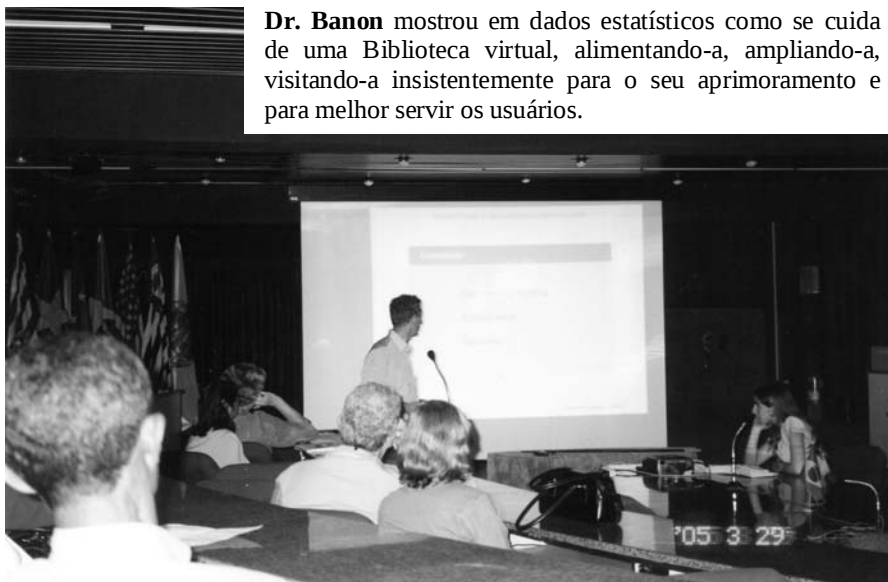
Dr^a Virgínia

E para finalizar, passamos a palavra ao Dr. Banon.

Dr. Banon falou sobre a Biblioteca Digital da Memória Técnico-Científica do INPE comentando que hoje estão disponíveis nela por volta de 13112 trabalhos.

Falou dos marcos históricos e da importância de garantir a preservação.(Íntegra da Palestra)

Dr. Banon mostrou em dados estatísticos como se cuida de uma Biblioteca virtual, alimentando-a, ampliando-a, visitando-a insistentemente para o seu aprimoramento e para melhor servir os usuários.



Dr^a Virginia

Com o desenvolvimento dos computadores e o crescimento da rede de informações, cabe pensar no que representa uma Biblioteca hoje. Para entender isto, há que se olhar para o passado. E isso foi feito pela Sr^a Marciana, com o auxílio de toda a equipe da Biblioteca. Para falar sobre este resgate da história da Biblioteca do INPE, convidamos a Sr^a Marciana Leite Ribeiro, chefe do Serviço de Informação e Documentação.

Marciana contou como surgiu a idéia de realizar o evento e do prazer de mergulhar no passado e fazer presente a memória da trajetória de 40 anos da Biblioteca.



Eu estou aqui há mais de 20 anos e tenho um vínculo importante com a Biblioteca. Surgiu então a idéia de mergulhar no passado e resgatar a história e a trajetória da Biblioteca do INPE que esse ano de 2005 completa 40 anos e aproximadamente 36 anos de automação porque como eu conversei com o Dr. Fernando de Mendonça e com a Icléa, nós teríamos que ter um marco, onde foi que ela começou.

Agradeço e enalteço as apresentações anteriores e, para não me prolongar muito, peço permissão para ler o que escrevi.

Em 1965 já existia o formato da Biblioteca mas só em 1966 existiu aqui a 1ª bibliotecária. Agradeço à equipe de hoje e à do meu tempo na Biblioteca. Com esse trabalho eu quis colocar em prática o sonho de resgatar a memória documental em fatos e fotos, a trajetória mesmo da Biblioteca.

A Biblioteca do INPE é um centro de excelência. (Íntegra do discurso)

Drª Virginia

A informatização de um acervo bibliográfico demanda uma atualização constante do sistema de gerenciamento deste acervo. Para nos contar sobre o sistema que hoje gerencia as informações na Biblioteca do INPE, o sistema Sophia Biblioteca, convidamos o Sr. José Luiz Aguirre, analista do Serviço de Informação e Documentação.



Aguirre contou a história do Sistema Sophia.

Aguirre começou falando de sua trajetória no INPE, comentando que nesta data era ao mesmo tempo o funcionário mais novo do SID (integrado à Biblioteca em 2002 como Analista de Suporte) e o mais antigo, com mais de 30 anos de INPE. De 1974 a 1995 trabalhou em Cachoeira Paulista, ligado à recepção e geração de imagens de satélites de Sensoriamento Remoto. Por coincidência, naqueles tempos iniciais já começara a colaborar com a Biblioteca – então Divisão de Banco de Dados – na catalogação das imagens produzidas. Originalmente, para cada imagem gerada o sistema imprimia uma linha com informações sobre ela, informações essas que eram manualmente preenchidas em um formulário para serem digitadas (na verdade, perfuradas, pois naquela época usavam-se cartões como entrada) em São José e retornadas a Cachoeira em forma de listagem, para conferência e eventuais correções. Aguirre automatizou esse procedimento, alterando a programação do sistema para que gerasse, em paralelo com as imagens, um arquivo em fita magnética, que podia ser enviado diretamente à Divisão de Banco de Dados, eliminando os passos de transcrição, digitação e conferência. E agora, no SID, trinta anos mais tarde, está trabalhando de novo justamente nas áreas de automação e Banco de Dados, acompanhando a implantação do sistema SophiA.

O SophiA foi adquirido com recursos da FINEP em 2003, em substituição ao sistema anterior (CALI + CIRCULA + SIRIUS), desenvolvido no próprio INPE nas décadas de 70 e 80 e já muito defasado tecnologicamente. Sistema nacional, escolhido após um trabalho cuidadoso de levantamento e estudo das opções possíveis, o SophiA já representou um enorme avanço para o funcionamento da Biblioteca, facilitando e aperfeiçoando, com a eliminação de procedimentos manuais, a unificação com as Setoriais e a otimização de rotinas, trabalho que a reduzida equipe precisa desenvolver. O sistema entrou em operação em 15 de agosto de 2003, após uma fase de testes em que se procurou garantir a integridade e consistência dos dados importados do sistema anterior. Entretanto os usuários ainda não foram totalmente beneficiados pela mudança, por ainda não ter entrado em funcionamento a facilidade de consultas e reservas via Web, há muito tempo esperada.

Embora presente no sistema, essa facilidade não pôde ainda ser colocada em uso devido a restrições levantadas pelo Grupo de Segurança e Redes do INPE posteriormente à aquisição do sistema, restrições essas que exigiram a contratação de recursos adicionais de segurança junto ao desenvolvedor do SophiA. Essa contratação, por sua vez, só pôde ser efetivada no final de 2004, devido a uma mudança de legislação ocorrida em setembro de 2003 e um conseqüente impasse administrativo que impediu os dispêndios do projeto por mais de um ano. Aguirre pediu um pouco mais de paciência aos usuários, informando que a expectativa é de que dentro de mais algumas semanas a Biblioteca, através do SophiA, possa chegar até as mesas de trabalho de cada um.

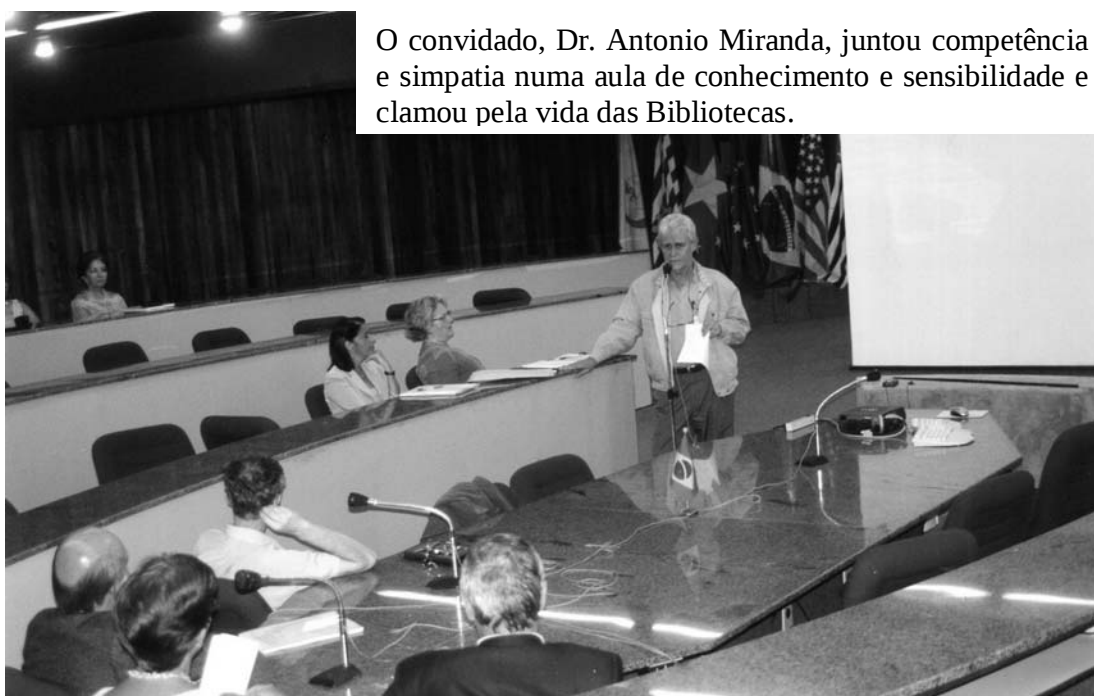
Aguirre encerrou comentando que o registro das informações na nossa memória é comumente associado ao cérebro. Entretanto a “memória”, naquele momento lembrada e celebrada no evento, a história do nosso trabalho e das nossas conquistas, aquela que nos faz sorrir ao recordar fatos marcantes e reencontrar pessoas queridas, é certamente guardada não na nossa cabeça, mas no nosso coração.

Dr^a. Virginia

Temos o prazer de ouvir a seguir o Dr. Antonio Lisboa Carvalho de Miranda, do departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília.

Dr^a Virgínia então leu uma breve biografia dele.

E, depois de uma breve introdução, passa a palavra ao convidado.



O convidado, Dr. Antonio Miranda, juntou competência e simpatia numa aula de conhecimento e sensibilidade e clamou pela vida das Bibliotecas.

Tenho saudades do INPE; há muito tempo não venho aqui.

Pois bem, eu queria dizer a vocês que eu vejo o futuro através do retrovisor. E queria falar do paradoxo quanto a ter ou não acervo nas Bibliotecas e o papel que se abre sobre Bibliotecas virtuais. E também falar dos equívocos do governo.

E até por fazer parte dele, eu deveria assumir uma parte da culpa mas vou me eximir dela principalmente porque nos últimos anos venho sendo contrariado com um grupo de profissionais com propostas tradicionais.

O meu trabalho já está publicado na minha página na internet; a minha página é www.antoniomiranda.com.br e se o INPE quiser fazer um link ou descer o PDF da minha página, ela é 70% de literatura 30% de ciência da informação mas tem muito artigo, muitos ensaios na área de ciência da informação. Se quiserem baixar o PDF, com muito prazer, e podem utilizar como memória desse nosso encontro aqui. Eu dei um título shakespeariano:

Ter ou Não Ter, Eis a Questão, que é o paradoxo sobre o qual vamos fazer a reflexão, e emiti algumas reflexões em torno da disponibilidade e da acessibilidade documentária que é disso que vamos verdadeiramente tratar.

Até que ponto devemos disponibilizar e até que ponto devemos e podemos acessar mediante outros recursos. E valeria a pena começar com uma premissa [...] a de que Biblioteca não é um prédio, Biblioteca não é uma coleção estante; a tradição das Bibliotecas é de uma instituição devotada ao colecionamento, é verdade, mas à difusão do conhecimento principalmente por meio de cooperativas em rede. É certo que até o grande sistema de informação que nós conhecemos hoje e que transcende as próprias Bibliotecas, ele tem origem nas bibliotecas. Se vocês verificarem, verão que a primeira transmissão de dados intrainstitucionais se deu no Ohio Computer Library Center, de uma biblioteca para outra biblioteca. E justamente no princípio de redes que começa e tem origem na intenção do intercâmbio de dados e de informações e conhecimento entre instituições através de suas Bibliotecas que hoje extravasam os muros e os espaços das Bibliotecas. Eu até me lembro de uma anedota quando eu fui fazer meu mestrado na Inglaterra e estava com uma colega paulista e, numa das palestras inaugurais do nosso curso, o professor falava de library, de library e ela pediu a palavra para perguntar de que Biblioteca ele estava falando porque ela havia visto três Bibliotecas no campus. E ele disse “não, senhorita; aqui há uma única Bblioteca em 3 lugares.

Para nós, Biblioteca é uma instituição que, como estratégia de atendimento a seu público, está localizada em três lugares; é um sistema que tem produtos e serviços, tem endereço e até um local do qual emanam e ao qual podem chegar comunicações e contatos mas em nenhum lugar Biblioteca é um prédio ou é um lugar físico.”

Eu acho que aquela lição dada em 1965 era verdadeira e continua verdadeira e mesmo no futuro que nos aguarda na agenda de sistemas virtualizados. Até porque virtual sempre foi. O que você muda é o nível de virtualização por causa de uma nova tecnologia. Mas a virtualidade não flui e nem foi descoberta por esta tecnologia que nós estamos utilizando.

Como é que eu quero começar? Eu quero começar por um paradoxo que é o seguinte: houve um tempo em que o governo brasileiro, com a abundância de recursos dos anos 60, 70 devotou através de programas, recursos para o desenvolvimento de sistemas de informação no Brasil. E tivemos a BIREME que até hoje está de pé [...] houve a tentativa da criação de uma Biblioteca nacional de engenharia que só sobrou [...] houve a tentativa de criar a Biblioteca na área agrícola; ela hoje está confinada num porão do Ministério da Agricultura no Rio de Janeiro, embora continue existindo a Embrapa que é o segundo sistema. E eu sou como um Repórter Esso, testemunha ocular da história, desde aqueles princípios estava aí na Embrapa em primeira época na montagem do sistema de informação e documentação da Embrapa. Depois do meu mestrado eu vim trabalhar na CAPES e fiquei muitos anos na CAPES com o Dr. Darci Clóvis e depois com Cláudio de Moura Castro que vocês conhecem pela Revista VEJA mas que foi diretor da CAPES e onde nós criamos o Programa COMUT. Essa foi uma proposta que eu havia começado lá atrás na Embrapa mas que se institucionalizou efetivamente em 1980 no Ministério da Educação através da CAPES com o consórcio **Fontinet** e com a **Tezuo**, e o CNPq. Anos depois começa a haver um desmoronamento de todo aquele sistema. Havia cursos para desenvolver bibliotecas

porque houve uma expansão fantástica da pós-graduação no Brasil; nós pulamos de 200 e poucos cursos de pós-graduação para mais de 2000, o número de estudantes estourou o número de Bibliotecas universitárias explodiu por causa da pós-graduação e a CAPES, no seu primeiro momento, alocava, transferia recursos para desenvolvimento de acervo, de serviços, formação de pessoal, infraestrutura de bibliotecas ligadas a centros de pesquisas e a programas de pós-graduação. E praticamente desmoronou porque hoje nós temos muito pouco, ruínas do que foram os anos 70 e 80 no desenvolvimento desses serviços, infelizmente. O próprio COMUT nós estivemos para salvá-lo quando eu fui diretor do IBICT, do MCT, fui um período diretor do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e, para salvar o COMUT, nós o levamos para o IBICT porque a CAPES foi pouco a pouco desmoronando, terminando todos os programas que havia de apoio e buscou soluções heterodoxas que fazem parte desse paradoxo que eu quero analisar aqui. Neste momento eu fui incumbido com mais 16 outros especialistas do Brasil numa comissão do Ministério da Ciência e Tecnologia para rever a tabela nas áreas de conhecimento que servem à FINEP, servem ao CNPq, MCT e servem à CAPES. Estamos lá nos reunindo; a primeira reunião foi semanas atrás e, quando o colega falou do Currículo Lattes, da importância do Currículo Lattes, ali há um problema muito grave porque o Currículo Lattes hoje é a memória da produção científica brasileira mais de ponta, do research front brasileiro talvez até expandido. Os dados, os metadados que são construídos a partir da tabela extra que foi a antiga tabela **Froscard**, hoje não correspondem. Aquilo vai virar um caos total nos próximos anos porque não tem um tratamento biblioteconômico científico adequado para sustentar uma base de dados daquele volume da maneira como está sendo conduzido. Aquilo vai entrar em colapso dentro de alguns anos. Ou seja, o futuro que eu estou mostrando para vocês é extremamente difícil. Aí eu vou realmente falar do que eu queria falar a vocês, resumindo; eu não vou ler propriamente.

Vou começar com uma historinha [...] eu fui há alguns anos atrás visitando as Bibliotecas universitárias brasileiras do sistema já privado, não público, a uma Biblioteca no Rio Grande do Sul e o reitor da universidade me levou à Biblioteca para mostrar a solução que ele havia encontrado para o problema grave de acervo. Ele disse: “olha, não dá para manter acervos hoje em dia; a CAPES desistiu. Na verdade, a CAPES parece que vinha assinando durante anos revistas científicas para as Bibliotecas dos programas de pós-graduação do Brasil; era um recurso muito alto, muito elevado, a partir de uma lista que fora desenvolvida com consulta exaustiva às bases dos pares, científicas dos países e havia chegado a uma lista de aproximadamente 3.500 títulos que custava alguns milhões de dólares e a CAPES decidiu pular fora. E ele buscou uma solução, desculpem a grosseria, idiota. Ele achou que podia substituir tudo aquilo que eram coleções descentralizadas por áreas de competência, por centros de excelência para servir de base ao intercâmbio de documentos do país, principalmente através do COMUT.

Ele preferiu. O reitor me levou para mostrar que, seguindo o exemplo da CAPES, ele estava assinando o Web of Science [...] e eu soltei uma gargalhada de perplexidade e até de vergonha porque ele não sabia o que era Web of Science. Web of Science é um banco de dados referencial e em nenhum momento poderia substituir uma coleção de periódicos de Bibliotecas e centros de pesquisa e cursos de pós-graduação do Brasil. Aquilo é um

instrumento auxiliar para ir às coleções de revistas científicas; em nenhum momento ele ia substituir. Coitado do reitor achou que a CAPES estava passando para ele a solução do seu problema; “não vou mais desenvolver Bibliotecas; vou manter o mínimo com livros textos, material de uso imediato que eu não posso fugir a esta responsabilidade; agora, revistas científicas que custam dinheiro eu compro Web of Science, assino o Web of Science.”

Quando a CAPES decidiu fazer uma coleção nacional de revistas, uma hemerografia nacional distribuída num conjunto de Bibliotecas, já havia tido um retrocesso em relação à situação anterior. Por que? Porque tirou das universidades a capacidade de investir no desenvolvimento de sua própria Biblioteca o que é já era uma tremenda perversidade. Perceberam? Quer dizer [...] as universidades tinham autonomia, tinham orçamento, elas podiam desenvolver seus acervos; e o governo centralizou, um retrocesso enorme e, se percebermos, comprar nacionalmente e distribuir a um conjunto de Bibliotecas para fazer um serviço cooperativo o que poderia ter sido feito em bases diferentes. Mas já estava naquele ponto e houve um segundo retrocesso quando acabam com a aquisição dos títulos e isso se subentende por primeiro pelo Web of Science e depois pelo portal de periódicos da CAPES.

Veja bem, eu não sou contra a aquisição do Web of Science [...] ele não substitui a biblioteca por um monte de títulos de algumas bibliotecas e depois suprimiu isso colocando uma base de dados para aquilo e como aquilo não respondia foi assim, vamos dizer, um equívoco. Aí se partiu para a aquisição de um serviço que é o portal de periódicos da CAPES que custa muito caro com mais um retrocesso, pelo seguinte: hoje o número de Bibliotecas que recebia, atendia a todo mundo indiscriminadamente porque o COMUT estava e continua aberto a qualquer Biblioteca e a qualquer cidadão que queira; inclusive, nos últimos tempos, aberto diretamente ao usuário, não apenas através de bibliotecas. O que que acontece quando a CAPES cria o portal de periódicos? Ela restringe o uso apenas a um conjunto de instituições. Por que? Porque o custo de abrir a todos talvez fosse mais caro do que o modelo anterior. Então você voltou a elitizar.

“Nós só vamos dar a alguns cursos que tenham um determinado nível, os outros que morram de inanição.” E é apenas restrito ao número de instituições que contempla número, de usuários para acessar o portal da CAPES é restrito. Vem crescendo o número de títulos, talvez tenha a ver efetivamente com inclusão de títulos sob demanda e é um serviço que eu não quero depreciar e que tecnologicamente é muito mais avançado do que nós tínhamos antes, só que ele não substituiu o anterior. Se ele fosse complementar, se ele viesse agregar mais um serviço, seria fantástico mas agora, ele ser o serviço é que é o grande dilema. E ultimamente nós estamos partindo para uma coisa mais complicada. Do ano passado para cá houve a incerteza de que se íamos ou não continuar com esse serviço. Quando houve a mudança de governo, foi **crível**.

Geralmente o governo que chega, descontinua. Houve aí um período enorme de expectativa, houve a confirmação de que a vida continua mas sempre todos os anos a crise se recoloca num país de descontinuidade administrativa. Eu estava lendo uma revista daqueles viajantes franceses na época de D. Pedro I eles já diziam exatamente isso: “o grande problema do Brasil é que se inaugura, se faz obras monumentais mas no dia

seguinte, a gente esquece delas. Não mudou de 1820 e poucos para cá [...] cento e tantos anos continuamos mais ou menos parecidos.

Essas alturas eu queria dar esses dois conceitos claramente para vocês: o que é disponibilidade e o que é acessibilidade.

Disponibilidade é a capacidade que uma biblioteca tem de desenvolver acervos próprios para atender a própria comunidade. Essa é a visão antiga. Quem entrar na net verá que toda Biblioteca é insubstituível [...] ela disponibiliza aquilo que é considerado estratégico, vital, importante que se supõe ser uma política de desenvolvimento de acervo, definir aquelas linhas de atuação, que tipo de material é passível e necessário para atender aquelas missões institucionais a nível de usuário, de entendimento, literatura etc.

A outra é a acessibilidade que sempre foi complementar desde o início da Biblioteca, desde a Babilônia. É a capacidade que a Biblioteca tem de completar seus recursos recorrendo a serviços externos. Lembrando-se que a Biblioteca de Alexandria tinha um copista copiando documentos de outras Bibliotecas; isso durante toda a história das Bibliotecas foi assim.

A Biblioteca nunca pretendeu bastar-se nas suas quatro paredes com o seu próprio acervo. Aqui eu queria contar uma situação com Darci Ribeiro, com quem eu trabalhei; aliás, fui preso com ele na Venezuela nesse auto exílio a que fui submetido nos anos 60. Ele, quando viu a biblioteca da UnB, ele fez essa pergunta: “qual é o tamanho que a Biblioteca deve ter de acervo para ser representativa do conhecimento humano naquelas funções determinadas, por aquela instituição, naquele paradigma daquele momento que foram os anos 70. E ele saiu buscando essa resposta que poderia parecer um pouco uma questão **borgiana**, quase que metafísica e ele chegou a um modelo de 1 milhão de exemplares partindo de um exemplo de Israel. É lógico que as Bibliotecas universais americanas não podiam ser o modelo porque algumas tinham já 40 milhões de exemplares. E ele estava pensando bem modestamente em um milhão de exemplares, que a Biblioteca já superou há muito tempo. É óbvio que ainda tinha na época empréstimos para bibliotecários, cópias de documentos. Nos últimos anos foram feitos muitos estudos para saber até que ponto uma Biblioteca pode depender dos seus acervos, até que ponto ela pode buscar acervos e informações em outras bibliotecas. Existem estudos americanos a esse respeito, e brasileiros também. A Professora **Cecília Underrocka**, da PUC do Rio de Janeiro, fez este estudo em Bibliotecas universitárias e para aquela tecnologia dos anos 70, 80 era o seguinte: uma Biblioteca com recursos próprios, ou seja, baseando-se na sua disponibilidade, ela estaria oscilando entre 40 e 70% de satisfação do usuário com o seu próprio recurso. E depois disso não adianta trabalhar muito no acervo. Porque até 40% é barato e fazer isso, os primeiros 10%, basta você procurar o que é mais recorrente, aquele material que praticamente todo mundo conhece. Quando começa a se aproximar dos 40%, você já está em linhas de pesquisa mais sofisticadas, grupos de usuários muito específicos. Dos 50 aos 70 é o filé mignon: você já está buscando grupos focados muito específicos onde o livro, o custo benefício é excelente mas o custo é muito alto e só se justifica pela excelência do resultado.

Também é disso [...] a instituição; porque o custo efetivo da transferência é cada vez mais agravante. Então você começa lá embaixo onde você tem muitos usuários para poucos livros; é o caso do livro texto que o cara tira para levar emprestado e lá você tem muitos

livros muito caros para poucos usuários, especialistas no assunto. E a partir de 70% é inviável. Isso significa que qualquer Biblioteca em qualquer época, não hoje sempre, requereu, precisou buscar [...] ou manda o usuário buscar ou [...] eu me lembro de um bibliotecário da USP nos anos 40, 50 quando não havia xerox, com uma máquina de escrever em papel carbono, tirava 3 ou 4 cópias para poder mandar a outras Bibliotecas onde havia especialistas se referindo àquele documento. Hoje você tem o sistema de escaneamento para mandar essas cópias com muito mais facilidade. Então não importa com que tecnologia; a gente sempre tem só que hoje a gente tem mais.

Nós não estamos diante de uma panacéia, de um milagre; absolutamente. o fenômeno é o mesmo, as proporções são as mesmas, só mudam as condições. E você querer substituir o acervo por 100% de acesso como pretendeu aquele reitor lá do Rio Grande do Sul é contra qualquer regra da ciência da informação. Não faz sentido nenhum, é absurdo. Você não vai querer substituir livro texto por internet. Estão pretendendo isso porque está criando uma base de textos para atender e eu tenho lido que primeiro nem todo mundo tem condições de acessar depois nós vamos massificar mais uma vez o que já era massificado. Nós vamos ultramassificar o acesso à informação no Brasil. Vai ter outro retrocesso no ensino do país. É triste eu vir aqui falar mal da instituição em que eu trabalhei, onde eu fiquei muitos anos mas ela é a única responsável por isso. E se quiserem me expulsar da comissão que está servindo a rede nesse momento, eu ponho a minha cabeça na guilhotina tranqüilamente. Já estou numa idade, num momento da minha carreira em que eu não estou fazendo biografia e nem estou preocupado em cargos e nenhum tipo de vantagem. Eu digo o que eu penso. Não estou na glória de poder dizer, expressar o que eu penso. Hoje a CAPES está absolutamente perdida nesta questão.

Eu queria terminar com primeiro uma coisa que também me preocupa: eu, há pouco tempo atrás, rebanhei no programa A Escola do Futuro; vocês de São Paulo devem conhecer; é um projeto da USP. Fui para uma universidade que por razões éticas eu não vou [...] é uma faculdade isolada, perdão, eu não vou declinar o nome. E o homem lá tinha essa idéia:” olha eu queria uma biblioteca absolutamente virtual, não quero livros nessa instituição e cada aluno vai ter um lap top. Vocês já ouviram esta piada? Ele vai ganhar duas vezes: ele vai cobrar a anuidade e vai vender um lap top e vai achar que com isso ele vai garantir a acessibilidade aos usuários.

Acontece que a acessibilidade é a disponibilidade de alguém; se você não tiver no INPE uma reserva técnica, uma memória institucional, uma coleção de **sprinters**, você não tem acesso. Ao mesmo tempo em que você desenvolve a acessibilidade, você precisa desenvolver a capacidade de criação desses programas e tal. Eu trabalhei, o último contrato que eu tive no governo anterior foi trabalhar o Capítulo 6 do Programa Sociedade da Informação no Brasil; eu e 9 especialistas do Brasil. Eu fui responsável pelo Capítulo 6 Identidade Cultural e Conteúdos na Internet. E qual era a nossa preocupação? Desenvolver conteúdos. O que é que são conteúdos? Disponibilidade. Se você não tiver um conjunto de Bibliotecas importantes no Brasil boas em que elas têm que desenvolver acervos sempre de ponta, de qualidade como tem que ser a Biblioteca do INPE, o que é que vem detrás dela? Não vem nada; então o primeiro dinheiro que saiu que foi o único do **susto**; em vez de **frust**, o nome foi frustração O dinheiro não veio, foi bloqueado até hoje para fazer o

contingenciamento para as reservas do país. A gente deu dinheiro para as instituições digitalizarem e formarem memória para pesquisa baseada em acervos. Então para isso eles tinham mais uma vez que desenvolver excelentes acervos, instituições de ponta. Eu não vou querer que toda instituição tenha tudo, cada uma precisa definir exatamente a sua vocação, que tipo de acervo é fundamental para o seu desenvolvimento e se há uma injeção de verba de governo e até que ponto isso é público e até onde é exclusivo da instituição. A PETROBRÁS tem problemas de acessibilidade a seus acervos; outras instituições têm restrições porque embora sejam instituições de governo, elas têm políticas muito definidas. Bom, dito isso, eu queria concluir. Nos últimos anos, a disponibilidade documentária só vem decaindo no Brasil; nós vamos ter que buscar lá fora e pagar por esse serviço na medida em que não tem o COMUT que foi criado em grande parte para socializar, maximizar o uso dos acervos que nós temos no Brasil. Porque em vez de ficar restrito a uma instituição, ela se abre a um grupo de outras instituições mas você pular de 40 para 100 não existe. Você vai ter que aumentar a capacidade do país de intercâmbio e ainda assim buscar muito no exterior; o que a gente quer é minimizar essa busca senão você vai ter que buscar nossos documentos no exterior e pagando por eles. No final da década de 70, nós tínhamos 18,26 livros por estudante nas instituições de ensino superior no Brasil; era uma miséria se comparado aos padrões mundiais: a UNESCO recomendava 50. E nós tínhamos 18,26 no final da década de 70. Isso foi um estudo que eu fiz com o pessoal do Ministério da Educação antigo. E depois disso não tem estatística. Então o caso é o seguinte: diminuiu o investimento e aumentou o número de estudantes. Então hoje nós não temos mais 18,26 e aí dizem: “não precisa mais, tem internet.” Quatro milhões de estudantes universitários têm acesso à internet? A programas de acesso à informação via internet? A inclusão digital já chegou a esse ponto? Até que poderia [...] nesse momento eu estou exatamente trabalhando com um novo projeto com os meus alunos na UnB que são os tele-centros do GESPAC, do Ministério das Comunicações porque nós queremos desenvolver uma rede no Brasil de acesso comunitário a esses serviços mas a gente precisa oferecer esses acervos que não existem, não estão digitalizados, e precisamos alfabetizar essas pessoas para usar isso, ou seja, alfabetizar no bom sentido e alfabetizar no uso dessa nova tecnologia. E então não me venham dizer que basta colocar a internet à disposição dos estudantes; isso é tapar o sol com a peneira. Quantas Bibliotecas públicas tem no Brasil? Porque nos outros países é o primeiro lugar que o estudante busca. Perdão [...] onde estão as Bibliotecas escolares do Brasil? Trezentas mil escolas públicas não têm 30, 40 mil bibliotecas escolares. Aí você passa para as Bibliotecas públicas [...] menos de 6.000 municípios e você tem 4000 Bibliotecas públicas; metade delas se você for aos endereços nem encontra a Biblioteca. Elas foram criadas, receberam uma ajuda, foram fechadas e já foram abandonadas. Porque não tem no Brasil um livro por cidadão. Você não tem meio livro por cidadão, você não tem um quinto de livro por cidadão no Brasil. Você tem 180 milhões de livros em Bibliotecas públicas brasileiras? Não tem 5 milhões [...] ou seja, você não tem nada. Ora, se você não tem nada na Biblioteca escolar, se você não tem nada, quase nada nas Bibliotecas públicas que são as Bibliotecas escolares do Brasil [...] aí você tem universidade no Brasil, você tem mais de 20 milhões nas Bibliotecas universitárias brasileiras; são 5 livros por estudante; daqueles 18, pulou para 5. Agora você vai logicamente a institutos de pesquisa e

acha que eles estão no Paraíso porque eles têm de repente 100, 150, 200, 500 mil por usuário e há vários tipos de periódicos por usuário que estão quase, eram parecidos com os de primeiro mundo decaíram muito mas ainda são infinitamente.

Qual é o moral da história? A perversidade da distribuição de renda no Brasil é a mesma das Bibliotecas; onde não tem analfabetos também não tem uma biblioteca onde tem poder aquisitivo alto, nós temos duas bibliotecas. São Paulo tem a metade do acervo do Brasil até onde o IBGE coletou dados de biblioteca; não tem mais, estou falando de algum tempo atrás mas eu tenho certeza de que São Paulo continua acumulando, até porque tem uma FAPESP que continua patrocinando Bibliotecas e que não tem nenhuma outra no Brasil fazendo isso. Então a mensagem que eu queria trazer é essa para vocês: nós precisamos ainda de Bibliotecas porque, se não tiver uma Biblioteca, nós não vamos dar acesso numa língua como a nossa. Nós vamos buscar livros em português na China? Nós vamos buscar literatura científica brasileira nos Estados Unidos que é o que a gente ainda faz? Porque lá eles estão em boa parte projetados; existe um programa na Biblioteca do Congresso Americano que todos os anos ocorre no Brasil e que tem uma agenda permanente no consulado americano no Rio de Janeiro coletando o que o Brasil produz; não apenas o que há nas livrarias, nas editoras comerciais públicas. Vão aos institutos, às universidades, passam no governo federal coletando [...] é mais fácil procurar um documento brasileiro lá fora do que aqui porque nós achamos que Biblioteca não precisa mais. Ou a gente muda este quadro [...] eu acho que o INPE tem que ter uma biblioteca digital aqui do outro lado, tem que se abrir ao mundo mas ele precisa continuar desenvolvendo a sua Biblioteca e com espaço para o usuário.

Essa história de que o aluno de pós-graduação chega em casa e vai compartilhar de estudo com um cachorro e a família, isso não faz sentido. Quem vai trabalhar no laboratório? Só se ele ficar resumindo. Eu queria fechar a minha palestra com um exemplo histórico [...] eu comecei minha carreira me demitindo; eu fui trabalhar na Embrapa - esse é o final da minha palestra - 1974 eu fui para Embrapa e o diretor da Embrapa na época da ditadura deu um coquetel e eu estava lá e ele começou a falar. 1974 foi o segundo ano de vida da Embrapa. Aí o presidente estava falando que a Embrapa estava com 1.000 pesquisadores; que os pesquisadores isso [...] aí eu estava por perto, eu digo, “eu vou provocar ele.” [...] eu já estava querendo ir embora mesmo e falei assim: “mas não vai dar certo nada disso.” O homem me olhou assim: “quem que é esse insolente?” Eu digo: “a Embrapa não vai dar certo porque não tem sistema de informação.” Aí um jornalista chegou, falou comigo eu falei com ele: “não, aqui o que acontece é o seguinte: eles estão contratando 1.000 pessoas mas não têm um apoio; recurso humano é um recurso degradável. No dia seguinte da formação, entra em obsolescência, entra em regressão [...] a instituição vai virar sucata em pouco tempo.” Bom, o homem não gostou nada, me chamou na direção, me perguntou e eu disse: “olha, eu queria provar ao senhor; vou-me embora, vou fazer pós-graduação na Inglaterra e eu quero lhe mostrar que aqui as coisas estão erradas. Ele disse: “pois não, o senhor pode ir embora; agora eu queria que o senhor me contasse aí.” Eu disse: “o senhor tem um estatístico para trabalhar comigo por uma semana?” Aí eu peguei 1.000 projetos; a Embrapa tinha 1.000 pesquisadores, a maioria não tinha doutorado naquela época; pesquisador que nem mestrado tinha, inclusive não tinha nem obra publicada, uma coisa

estranha. E eu saí perguntando: “você é especialista em que? Onde é que está sua produção científica?” A pessoa: “não, eu pesquisei sobre agricultura mas eu dei muitas palestras, cursos e tal mas não tinha.”

Aí eu peguei o livro. Tinha 1.000 pesquisas [...] era a pesquisa do eu sozinho; é aquele 1º livro de pesquisa da Embrapa [...] a pessoa trabalha em 3, 4 projetos ao mesmo tempo. E eu disse: “eu vou pegar 100 projetos desses 1.000.” Peguei os 100 projetos; aí eu fui medir. Eu peguei qual era a idade do material que o pessoal havia citado. Bom, quando eu botei na tabela, fiz uma pizza e o homem ficou com indigestão porque era matusalênico, uma coisa velha. Porque, naquele momento, não tinha um sistema; a pessoa estava citando o que caía na mão, o que leu no colégio, o que achou no clube de tênis, entendeu? Essa era a bibliografia que eles citavam. Aí eu perguntei: “em que língua eles estão lendo?”

Aí eu perguntei: “qual é a pertinência desse material para a pesquisa?” Eu peguei o foco da pesquisa e fui ver os títulos dos trabalhos para ver se tinha uma relação direta entre o documento citado na problematização da pesquisa que é fundamental porque senão você vai reinventar a obra, senão você não conhece a literatura, para ver se tinha relação a pesquisa com aquilo que estava sendo citado e aquilo era um horror. Hoje a maioria das pessoas não cai num erro tão **crasso** desses. Olha, tinha até o Tesouro da Juventude. Aí eu fui perguntar: “qual é a relevância desse material que participa dessas biografias, desses 100 trabalhos; eles são relevantes?” Eu queria saber: “eram autores que estavam no ? station index? Eram pessoas do research front da área? Eram pessoas que realmente publicaram por instituições de pesquisa da área?” Então nem fechei o quadro porque não tinha elementos. Quando o homem viu o resultado - e tinha outras coisas que eu não citei aqui - ele sentou e quase chorou na beira do caminho. “Não, nós precisamos de um sistema de informação e é agora em favor das bibliotecas; a gente precisa salvar as bibliotecas.”

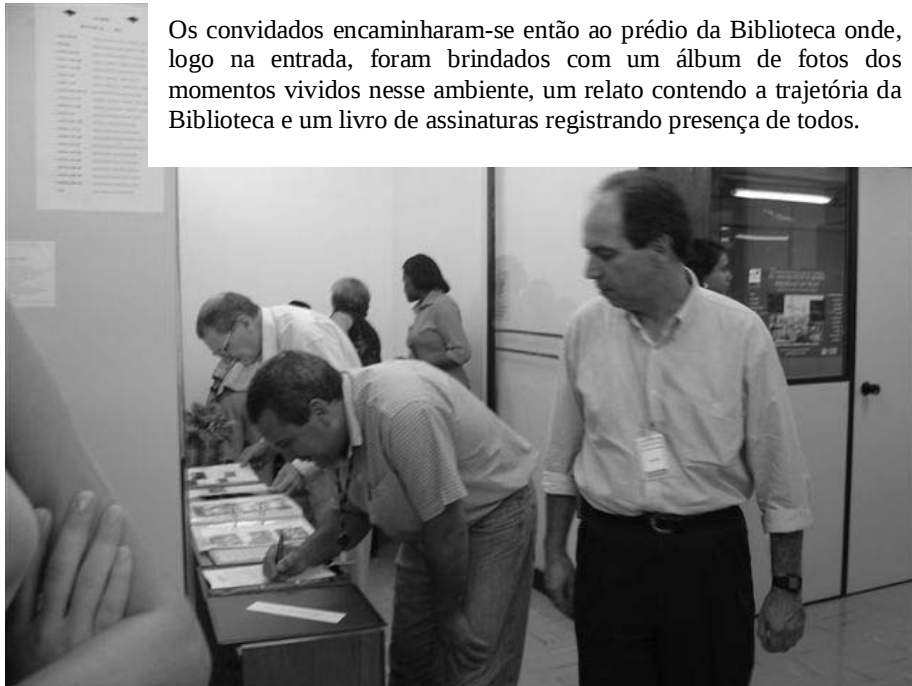
Eu não tenho nada contra Bibliotecas virtuais; elas precisam estar presentes a gente tem 40% aí para atender, há aquelas que chegam a 60; tem biblioteca que não passa de atender 30, 40, 50%.

A gente ainda precisa nesse país e no mundo inteiro e [...] exatamente o que que a França acaba de fazer? 4 prédios de 40 andares; a Biblioteca Mitterrand. A Inglaterra, na época da cibernética e da web, fez a maior Biblioteca da sua história numa estação de trem. Os Estados Unidos inauguraram mais um grande prédio da Library Congress. E nós falamos em Bibliotecas virtuais no Brasil? Muito obrigado. (Íntegra da Palestra)

Drª Virginia cumpriu com atenção o seu papel de mestre de cerimônias, destacando que o assunto abordado pelo Dr. Antonio Miranda, com certeza leva a reflexões. Após estas apresentações que muito nos enriqueceram, não poderíamos deixar de agradecer a todos os que colaboraram para que a realização deste evento fosse possível. Agradecemos ao apoio da Direção do INPE, da DSR, da DPI, do SAI e da Elsevier. Agradecemos também a toda a equipe da Biblioteca e à Comissão Organizadora.

Agradecemos ainda a presença de todos com o convite para visitar a Mostra da Trajetória da Biblioteca do INPE, em exposição no prédio da Biblioteca, e a participar de um Café Musical.

Os convidados encaminharam-se então ao prédio da Biblioteca onde, logo na entrada, foram brindados com um álbum de fotos dos momentos vividos nesse ambiente, um relato contendo a trajetória da Biblioteca e um livro de assinaturas registrando presença de todos.



Com curiosidade e emocionados, os presentes apreciaram o desenrolar da história traduzido em sete pôsteres cuidadosamente dispostos.



Um misto de guloseimas, flores, convidados, livros e música suave tornaram o ambiente intimista.

São José dos Campos, 13 de abril de 2005
Marilúcia Santos Melo Cid

Yolanda Ribeiro da Silva Souza

RELATORAS

São José dos Campos, 13 de abril de 2005

Marilucia Santos Melo Cid

Yolanda Ribeiro da Silva de Souza

Reladoras